

# A GRAMATICALIZAÇÃO DO VERBO ACONTECER NA CONSTRUÇÃO “ACONTECE QUE”

*Karina da Silva Corrêa*

*Orientadora: Nilza Barrozo Dias*

*Mestranda*

**RESUMO:** Considerando a teoria da linguística centrada no uso, o objetivo deste artigo é verificar o processo de gramaticalização sofrido pelo verbo “acontecer” dentro da construção “acontece que”. Utilizamos como pressupostos teóricos os conceitos de mudança linguística (MARTELOTTA, 2011; BYBEE, 2015) e de gramaticalização (Martelotta, 2011; Heine e Kuteva, 2007; e Traugott, 2008). Com base na fundamentação teórica apresentada neste artigo, buscamos identificar “acontece que” como construção e observar o processo de gramaticalização sofrido pelo verbo “acontecer” a partir de seu uso dentro da construção. Para isso, buscamos e analisamos alguns estudos funcionalistas relacionados à integração de orações, com destaque para o comportamento da oração subordinada substantiva e sua oração matriz. Por fim, aplicamos os parâmetros de Lehamann (1988), os conceitos propostos por Hopper e Traugott (1997) e as pesquisas linguísticas realizadas por Travaglia (2002) e Castilho (2010) acerca de períodos complexos e de gramaticalização de verbos. O presente texto é um recorte da parte teórica de pesquisa em andamento e, por isso, não apresenta análise de dados e resultados.

**PALAVRAS-CHAVE:** funcionalismo; gramaticalização; orações; subordinação.

## **Introdução**

O presente trabalho trata-se de um recorte teórico de pesquisa em andamento e consiste na verificação do processo de gramaticalização sofrido pelo verbo “acontecer” dentro da construção “acontece que”. A pesquisa está pautada nos estudos da linguística centrada no uso uma vez que tal vertente da linguística investiga a relação do par forma e sentido no uso linguístico e verifica os fenômenos da mudança linguística, conseqüentemente, os estudos de gramaticalização.

A mudança é inerente à língua uma vez que a língua não é rígida, mas está em constante evolução e sofre mudanças gradualmente, com o passar do tempo. Martelotta

---

(2011) aponta que as línguas são mutáveis, essencialmente dinâmicas por natureza e que as mesmas funcionam através e pela mudança.

Segundo Bybee (2015), a língua é uma ferramenta social e mutável e através dela é possível entender sua estrutura e sua forma. Mais que isso, a mudança criou a língua do passado e cria a língua do presente. Assim, estudar as mudanças linguísticas nos ajuda a identificar os fatores que a criam e a compreender como se dá o processo de sua evolução.

As diferenças que encontramos ao analisar dados de uso são mudanças que ocorrem no uso do sistema linguístico visto que “por ser um instrumento de interação entre os indivíduos dentro de uma comunidade, as línguas naturais tendem a variar e a mudar com o tempo” (Materlotta, 2011, p. 16), ou seja, a língua muda ao passo que as necessidades dos usuários mudam e de maneira gradual ao longo do tempo.

Neste trabalho, apresentamos pesquisas funcionalistas sobre integração de orações e estudos sobre a gramaticalização do verbo “acontecer” inserido no contexto de verbo de uma oração matriz pertencente à oração subordinada (ou oração encaixada) substantiva. Para este estudo nos baseamos nos pressupostos teóricos e metodológicos da linguística funcional centrada no uso, utilizamos os estudos de gramaticalização de Martelotta (2011), Heine e Kuteva (2007) e Traugott (2008), as propostas sobre integração de orações de Hopper e Traugott (1997) e Lehmann (1988) e verificamos as pesquisas linguísticas de Travaglia (2002), Olímpio (2007) e Castilho (2010).

### **Fundamentação teórica**

O funcionalismo define a linguagem como um instrumento de interação entre os sujeitos do discurso e, para tanto, tem como objeto de estudos os contextos concretos de uso de situações em que ocorre a comunicação entre indivíduos pertencentes a uma mesma comunidade linguística.

Assim, a teoria funcionalista consiste em uma teoria de análise linguística que, além de estudar aspectos estruturais e formais da língua, tem como objetivo principal observar o funcionamento da língua através de uma situação real de comunicação e leva em consideração fatores linguístico, ou seja, inerentes à língua, e fatores extralinguísticos. Dentre os fatores extralinguísticos analisados pela linguística funcional, podemos destacar o contexto de comunicação de cada situação de interação, os papéis dos

---

interlocutores, as estratégias de comunicação e a intenção do usuário da língua ao se comunicar.

A partir das décadas de 60 e 70, os estudos funcionalistas passam a investigar a relação do par forma e sentido no uso linguístico e, no início do século XXI, surgiu a linguística funcional centrada no uso. Essa nomenclatura pode ser explicada pelo fato de tal vertente ter seu foco em dados de fala e/ou escrita, inseridos em contextos reais de comunicação.

A linguística funcional centrada no uso reúne pesquisas nos âmbitos da linguística funcional (Talmy Givón, Paul Hopper, Sandra Thompson Joan Bybee, entre outros) e da linguística cognitiva (George Lakoff, Ronald Langacker, Adele Goldberg, William Croft, entre outros).

Essa vertente utiliza como parâmetros principais de análise de suas pesquisas a estrutura interna da língua (sintaxe, morfologia, fonologia, semântica, inferência pragmática), fatores externos que influenciam seu uso (sociolinguísticos e discursivos) e processos cognitivos que envolvem tal uso (frequência, analogia, reanálise e outros). Segundo Cezário (2013) “todos os elementos de novas construções gramaticais surgem do uso da língua em contexto e envolvem habilidades e estratégias cognitivas que também são mobilizadas em tarefas não linguísticas” (CEZÁRIO, 2013, p. 14).

### **Estudos funcionalistas sobre integração de orações**

Estudos funcionalistas relacionados a integração de orações reforçam o princípio de que a língua não é rígida mas sim flexível. A proposta de classificação de orações através de parâmetros que mostram os diferentes níveis de integração das orações combinado ao pressuposto de que esses níveis são pautados através de um *continuum* nos confirma tal fato.

Assim, os funcionalistas apresentam uma nova proposta de classificação de orações complexas, diferente da proposta tradição que propõe a clássica divisão de orações em 2 grandes blocos: as orações coordenadas e orações subordinadas. A nova proposta dos funcionalistas consiste na existência de orações complexas dentro de um *continuum* marcado por três pontos: a parataxe, a hipotaxe e a subordinação (ou encaixamento).

---

Em seus estudos, Lehmann (1988) utiliza o *continuum* da integração de orações através da parataxe, hipotaxe e subordinação, estabelecendo relações de diferentes níveis dependência e de integração, desde a não-dependência até a máxima integração. O autor define a parataxe como grau máximo de independência, a hipotaxe quando há dependência mas não há encaixamento e a subordinação quando há grau máximo de integração entre uma oração e outra.

O autor sugere seis parâmetros semântico-sintáticos com o objetivo de definir o processo de integração de orações: (i) degradação hierárquica da oração subordinada; (ii) nível sintático do constituinte ao qual a oração se subordina; (iii) dessentencialização da oração subordinada; (iv) gramaticalização do verbo principal; (v) entrelaçamento entre duas orações; (vi) grau de explicitude da oração.

Neste trabalho, durante nossa análise, vamos destacar brevemente o parâmetro da dessentencialização e, principalmente, o parâmetro da gramaticalização do verbo principal. A dessentencialização está relacionada à perda de características de oração enquanto que a o parâmetro da gramaticalização do verbo principal trata da transformação de verbos plenos com propriedades lexicais para verbos modais, auxiliares, afixos ou que passam a exercer função gramatical.

Hopper e Traugott (1997) sugerem o funcionamento da integração de orações através do *continuum* parataxe > hipotaxe > subordinação. Os parâmetros apresentados pelos autores para estabelecer o nível de integração dentro deste *continuum* são os parâmetros da dependência e do encaixamento. A integração de orações, na proposta de Hopper e Traugott (1997), se inicia com a parataxe, a qual é caracterizada por uma independência relativa em que a disposição das orações está de forma justaposta ou coordenada ligada por conectivo. No meio do *continuum*, está a hipotaxe que apresenta interdependência entre as orações, sendo uma o núcleo e outra a margem. Neste nível, uma das orações é relativamente dependente de outra. Por fim, temos a subordinação (ou encaixamento) quando há total dependência entre as orações matriz e subordinada.

Com esta proposta funcionalista para o estudo da integração de orações, é possível compreender a existência e uso de orações que podem estar entre um tipo de integração e outro, não havendo, assim, blocos completamente rígidos. Segundo Olimpio (2007) cada nível pode ocorrer diferentes graus de dependência ou de encaixamento. A autora explica

---

essa tripartição (parataxe, hipotaxe e subordinação) não pode ser entendida como campos claramente delimitados. Em cada um desses três domínios pode-se constatar uma oscilação, com margens fronteiriças. Na articulação por parataxe pode ocorrer algum grau (menor ou maior) de dependência; no campo da hipotaxe pode haver diferença no grau de aderência (dependência) da oração-satélite em relação à oração-núcleo; e, mesmo nos casos de encaixamento, o grau de integração sintática não é o mesmo. (OLIMPIO 2007, p. 72)

As orações subordinadas são caracterizadas, principalmente, pelo grau de integração e de dependência entre a oração matriz e a oração subordinada. Dentro de um *continuum* de integração de orações as orações subordinadas substantivas são as que apresentam grau máximo de integração e de dependência. Nestes casos, há um encaixamento da oração subordinada em sua oração matriz. Segundo Dik (1997), no encaixamento uma oração é encaixada em outra na posição de argumento (complemento). Este fato ocorre nas orações substantivas.

Em seus estudos, Olimpio (2007) aponta que existem sentenças complexas em que não há a articulação de duas orações e que existem usos de orações subordinadas substantivas que não constituem de fato uma oração mas sim o que chama de oração-termo. Ao analisar a frase “Eu sei que você trabalha muito.”, Olimpio (2007) explica que a oração subordinada não status oracional e que “depende diretamente da estrutura argumental do verbo regente. E é como termo (e não como oração) que ela ocupa a posição argumental prevista pelo verbo” (OLIMPIO, 2007, p. 72).

### **As orações subordinadas substantivas**

As orações subordinadas substantivas ou orações encaixadas completivas estão localizadas nos níveis máximos de integração e de dependência. Segundo Braga (2001), no encaixamento “um dos juntos está encaixado no outro e a relação entre eles é parte-todo. O junto subordinado codifica informação de “fundo” e não pode ser especificado, independentemente, quanto a força ilocucionária” (BRAGA, 2001, p. 6) e Olimpio (2007) afirma no *continuum* de integração de orações por encaixamento as orações substantivas evidenciam

---

uma relação de dependência entre uma oração-satélite, adjunta, secundária e uma oração-núcleo, situada num nível mais alto da hierarquia frasal. Nesse espaço intermediário, com algum grau de dependência e integração, mas sem encaixamento, é que estariam as subordinadas adverbiais da tradição gramatical. Com alguma simplificação, esse é o ponto de partida da nossa reflexão (OLIMPIO, 2007, p. 71)

Pesquisadores da teoria funcionalista analisam as orações subordinadas substantivas de acordo com aspectos presentes na oração matriz observando suas motivações e funções discursivo-pragmáticas que exercem no texto. Por exemplo, o uso de verbos *dicendi* na oração possibilita a inserção de vozes de terceiros ao discurso. Tal fato pode ser verificado em textos argumentativos como artigos de opinião, textos de divulgação científica e de revistas acadêmicas. Além disso, a análise da oração matriz auxilia na análise do grau de comprometimento do falante em relação à informação dita por ele. (SILVA, 2015, p. 56).

No capítulo da Gramática do Português Culto Falado (2009), reservado para o estudo das construções subordinadas substantivas, são apresentados os tipos de predicados verbais, agrupados de acordo com seus diferentes valores semânticos com relação ao conteúdo da oração subordinada. Esses predicados constituem a oração matriz de um período complexo. Os predicados são divididos em: predicados de elocução; manipulação; volição; causativo; cognição e percepção; atitude; modalidade; avaliativos; acontecimento; metalinguístico;

Os predicados de acontecimento “indicam a ocorrência do estado de coisas expresso na sentença encaixada.” (CASTILHO, 2009, p. 1038). Esses predicados são compostos geralmente pelos verbos acontecer, ocorrer, suceder e começar. Em predicados desse tipo é possível haver um “esvaziamento semântico dos predicados em favor de um uso argumentativo” (CASTILHO, 2009, p. 1038).

Assim, há um acúmulo de função entre o papel de compor uma oração matriz que será complementada pela oração encaixada subsequente e o papel de introduzir um contra-argumento. A oração matriz introduz “argumentos que se contrapõem a uma porção textual anterior, apresentando, desse modo, o mesmo funcionamento de um operador argumentativo de contrajunção” (CASTILHO, 2009, p. 1030).

---

Na Nova Gramática do Português Brasileiro, ao falar de subordinação, Castilho (2010, p. 360) apresenta a proposta de que verbos da oração matriz estão se fundindo com a conjunção integrante que a acompanha, como por exemplo as sequências de palavras “diz que” e “acho que”.

Para Castilho (2010), a sentença matriz expressa uma avaliação do conteúdo proposicional da subordinada substantiva: (i) asseverado; (ii) posto em dúvida; (iii) considerado como uma ordem. De acordo com o autor, o conteúdo proposicional é enfatizado pelas classes da matriz, revelando um alto grau de adesão do falante em relação à proposição.

Ainda dentro da seção sobre subordinação, Castilho (2010) define como matriz apresentacional uma oração constituída por um verbo apresentacional monoargumental que figura na cabeça da sentença complexa. De acordo com Castilho (2010), os verbos que representam esse tipo de matriz são os verbos “acontecer” e “ocorrer”. Ambos os verbos introduzem um estado de coisas ou um novo tópico no discurso.

Desta forma, a oração matriz possui a função de introduzir um novo tópico o qual apresenta um contra-argumento referente a algo que foi dito antes, contrapondo-se a um sintagma nominal ou parte anterior do texto.

Observando dados de uso, as orações subordinadas substantivas ou orações encaixadas completivas compostas por uma oração matriz constituída pelo verbo “acontecer” flexionado na 3ª pessoa do singular e no presente do indicativo estão sendo utilizadas a fim de introduzir, comum e inicialmente, um argumento de valor pragmático/argumentativo contrário ao que a antecede na maioria das ocorrências de uso.

### **O fenômeno da gramaticalização**

A mudança linguística pode ocorrer através de dois fenômenos principais: a lexicalização e a gramaticalização. Segundo Martelotta (2011) estes são “processos graduais distintos, mas que apresentam características semelhantes no que diz respeito à direção natural da mudança que veiculam” (MARTELOTTA, 2011, p. 91). Neste trabalho, abordaremos questões relacionadas ao processo de gramaticalização da construção “acontece que”.

Uma das primeiras definições de gramaticalização foi apresentada por Jerzy Kurylowicz (1975) e dizia que “gramaticalização consiste no aumento do percurso de um

---

morfema que avança o léxico para gramática ou de um estado menos gramatical para um estado mais gramatical” (ROSÁRIO, 2015, P.38).

Para Heine & Kuteva (2007), as formas gramaticais dependem das construções às quais elas pertencem. Então, a gramaticalização costuma ser relacionada ao estudo das construções. De acordo com Traugott & König (1991), o termo refere-se a um processo histórico unidirecional no qual itens lexicais adquirem novo status com o passar do tempo. Esse novo status pode ser através de formas gramaticais ou morfossintáticas.

Na visão de Heine et al (2011) o processo de gramaticalização pode existir também sincronicamente visto que oferece um parâmetro para auxiliar no entendimento da gramática sincrônica, ao passo que Hopper & Traugott (1997) estabelecem essa divisão entre gramaticalização sincrônica e diacrônica em que o processo diacrônico analisa as fontes gramaticais e os caminhos de mudança.

Por fim, Traugott (2008) define o fenômeno da gramaticalização como uma mudança em que os falantes utilizam partes de uma construção com função gramatical em determinados contextos linguísticos. Rosário (2015) afirma que os estudos da gramaticalização “oferecem uma explicação plausível que dá conta de como e por que as categorias gramaticais surgem e se desenvolvem ao longo do tempo” (ROSÁRIO, 2015, P. 39).

Hopper e Traugott (1997), então, sugerem o estudo da integração de orações à luz da gramaticalização. Para estes autores, a integração de orações pode ser considerada como uma gramaticalização da organização retórica do discurso uma vez que a coordenação e a subordinação são estruturas usadas com frequência e que se tornam convencionalizadas e, conseqüentemente, gramaticalizadas.

### **Gramaticalização de verbos da oração matriz**

Castilho (2010) comenta sobre a gramaticalização dos verbos da oração matriz e afirma que “alguns verbos da matriz vêm-se fundindo com a conjunção integrante que”. O autor cita os casos de “diz que” e de “acho que” e, de acordo com ele, devido à gramaticalização do verbo, algumas alterações ocorrem a partir dos mecanismos da fonologização, morfologização e sintaticização.

A fonologização acontece quando “desaparece a fronteira entre o verbo e a conjunção, que se aglutinam” (CASTILHO, 2010, p.360), assim ocorrendo a

---

“desativação da fronteira e ativação de uma nova unidade lexical” (CASTILHO, 2010, p.360). A morfologização se dá a partir do momento em que tais itens linguísticos são reanalisados.

Nos exemplos utilizados pelo autor, “diz que” e de “acho que” são reanalisado como “uma conjunção-advérbio, ora em processo de afixação, de que surgirão marcadores de subordinação” como em “diz que” e “acho que”. Nestes casos, há “desativação de duas classes de palavras diferentes e ativação de uma nova classe.” Ainda segundo Castilho (2010), pode ocorrer também a sintaticização, em que o verbo constituinte da oração matriz desativa seu estatuto de sentença e passa a funcionar como outra classe gramatical e, assim, adquire propriedades sintáticas da nova classe.

Além das alterações citadas anteriormente, pode haver também mudanças no nível semântico e no nível discursivo. No caso de “diz que”, o verbo “dizer” muda de epistêmico asseverativo para epistêmico dubitativo, adquirindo sentido de “talvez”. E no nível discursivo, “diz que” passa a ser utilizado como marcador discursivo para introduzir respostas que não comprometem o locutor.

Travaglia (2002), em seu estudo sobre gramaticalização de verbos, reconhece a forma “acontece” seguida de “que” como um operador argumentativo. De acordo com essa proposta, um verbo pleno passa a exercer função gramatical através do processo de gramaticalização, que ocorre quando um item originalmente lexical passa a ser usado com função de um item gramatical ou quando um item gramatical passa a ter função mais gramatical.

Verbos gramaticais são aqueles em que sua função não é a de “expressar situações, mas marcar categorias verbais e/ou exercer funções ou papéis discursivo-textuais determinados (como os operadores argumentativos e os marcadores conversacionais, por exemplo)” (TRAVAGLIA, 2002, p. 2). Quando o verbo é utilizado como um item gramatical, o mesmo é chamado de verbo funcional.

De acordo com Travaglia (2002), um verbo funcional pode ter o papel de marcar categorias gramaticais do próprio verbo, expressar noções semânticas muito gerais e mais abstratas ou exercer funções textuais-discursivas diversas. Dentro deste último papel está a construção “acontece que”.

A partir da gramaticalização do verbo “acontecer” conjugado na 3ª pessoa do singular no presente do indicativo seguido de “que”, a construção funciona passa a ter a

---

função principal de introduzir um contra-argumento ao discurso. Seguindo a proposta de Travaglia (2002), temos a leitura de gramaticalização do verbo “acontecer”, que se torna mais gramatical e menos lexical, seguido de “que” formando, então, um novo operador argumentativo.

### **Considerações finais**

O presente artigo reuniu algumas questões teóricas relacionadas à verificação do processo de gramaticalização do verbo “acontecer” inserido na construção “acontece que”, numa perspectiva de mudança linguística, tendo como base estudos da linguística centrada no uso.

Com o objetivo de identificar o fenômeno da gramaticalização no uso do verbo “acontecer” dentro de tal construção, observamos que a construção “acontece que” corresponde a um novo pareamento de forma e função. Desta forma, a construção tem a função de introduzir uma nova informação com propriedades de contra argumentação (CASTILHO, 2009). Além disso, os parâmetros de Lehmann (1988) de dessentencialização e de gramaticalização do verbo da oração principal, podem ser aplicados no uso da construção “acontece que”.

A dessentencialização e a gramaticalização do verbo da oração principal na construção “acontece que” pode ser justificada, pois verificamos que na construção “acontece que” o verbo “acontecer” não exerce função lexical de verbo pleno constituindo uma oração matriz tendo seu sentido complementado por uma oração encaixada, mas sim assume uma função gramatical de organização textual.

Os estudos da construção “acontece que” e da gramaticalização do verbo “acontecer” não se esgotam neste trabalho. Uma análise de perspectiva diacrônica, um estudo da frequência de uso e uma averiguação das propriedades de esquematicidade, composicionalidade e produtividade da construção “acontece que” são alguns dos possíveis caminhos a serem percorridos dentro da perspectiva da linguística funcional centrada no uso.

### **REFERÊNCIAS**

BYBEE, Joan. *Language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

---

BRAGA, Maria Luíza. Processos de combinação de orações: enfoques funcionalistas e gramaticalização. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 5, n. 9, p. 23-34, 2º semestre 2001.

CASTILHO, Ataliba T. de. (org.). Gramática do português culto falado no Brasil. Vol 2. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

CASTILHO, Ataliba T. de. Nova Gramática do Português Brasileiro. São Paulo: Editora Contexto. (768 p.). 2010.

CEZARIO, Maria Maura; Cunha, Maria Angélica Furtado. Linguística Centrada no Uso. Rio de Janeiro: Mauad x FAPERJ, 2013 (Capítulo 2 – Linguística Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. p. 12-39).

CUNHA, Maria Angélica da; Oliveira, Mariângela Rios de; e Martelotta, Mário Eduardo (orgs.). Linguística funcional: teoria e prática. Rio de Janeiro: DP & A, 2003.

DIK, S. C. (1997). The theory of Functional Grammar. Part II – Complex and derived constructions. New York: Mouton.

HEINE, Bernd; KUTEVA, Tania. Clause subordination. In: \_\_\_\_ The Genesis of Grammar: a reconstruction. Oxford, 2007.

HOOPER, Paul e TRAUGOTT, Elizabeth. Grammaticalization. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

LEHMANN, Christian. Towards a typology of clause linkage. In: HAIMAN, J. e THOMPSON, Sandra A.. Clause combining in grammar and discourse. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1988.

OLIMPIO, Hilda de Oliveira. Articulação de orações: ultrapassando a sintaxe. *Revista (Com) Texto Linguístico*. Vitória. Nº 1, p. 69-78. 2007.

OLIVEIRA, Mariangela Rios de e Rosário, Ivo da Costa do. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa*, São Paulo, volume 60, número 2: 233-259, 2016.

RODRIGUES, Alexandra Carneiro; Barbosa, Lorena Lima. O tratamento funcionalista da articulação de orações. In: NOGUEIRA, Márcia Teixeira (Org.) Estudos linguísticos de orientação funcionalista. Fortaleza: Edições UFC/GEF, 2007. (CD)

ROSÁRIO, Ivo da Costa; Oliveira, Mariangela Rios de (Org.). Linguística centrada no uso. Rio de Janeiro: Lamparina/FAPERJ, 2015.

ROSÁRIO, Ivo da Costa; OLIVEIRA, Mariangela Rios. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa*, 2016.

---

SILVA, Adriana Aparecida da. As orações principais em construções completivas do português: uma contribuição para o ensino. Dissertação de Mestrado - Faculdade de Ciências e Letras de Assis - Universidade Estadual Paulista. Assis, 2015.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. A gramaticalização dos verbos. In: HENRIQUES, Claudio Cezar (org.). Linguagem, conhecimento e aplicação: estudos de língua e linguística. Rio de Janeiro: Ed. Europa, 2002. p.306-321.

TRAUGOTT, E. C.; Trousdale, G. Constructionalization and constructional changes. Oxford: Oxford University Press, 2013.